

A PRESENÇA DE GILBERTO FREYRE NA OBRA DE RICHARD MORSE

THE PRESENCE OF GILBERTO FREYRE IN RICHARD MORSE'S WORKS

Beatriz Helena Domingues¹
Universidade Federal de Juiz de Fora

Correspondência:

Av. Rio Branco 4115/606,
Bom Pastor, Juiz de Fora, MG, 36026-500
E-mail: biahdomingues@gmail.com

Resumo

É sabido que o historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001) tinha grande apreço pela obra do pensador brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987). Este ensaio tenta mostrar que, além da admiração, houve uma notável e crescente presença de ideias e teses de Gilberto Freyre na carreira acadêmica de Morse, desde os escritos da juventude até aqueles da maturidade.

Palavras-chave: Richard Morse; Gilberto Freyre; iberismo.

Abstract

It is well known that the American historian Richard Morse (1922-2001) had great appreciation for the work of Brazilian thinker Gilberto Freyre (1900-1987). This essay argues that, beyond admiration, there was a noticeable and growing presence of Gilberto Freyre's ideas and theses in the academic career of Morse, from the writings of his youth to those of his maturity.

Keywords: Richard Morse; Gilberto Freyre; Iberianism.

¹ Este texto é resultado parcial de pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Georgetown em Washington, D.C., EUA, 2012/2013, sobre a vida e a obra de Richard Morse. Aproveito a oportunidade para registrar meus agradecimentos ao CNPq pela bolsa de pós-doutorado no exterior, ao Departamento de História da UFJF pela licença concedida e à Capes/CNPq pelo financiamento da pesquisa desde 2010.

A obra do historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001), desde a tese de doutorado sobre São Paulo, escrita no fim da década de 1940, até as formulações mais abrangentes e filosóficas da maturidade, caracterizou-se por ensaios sempre comparativos entre as Américas ibérica e anglo-saxônica, através de seus escritores favoritos em ambas. Talvez tenha sido isso que o levou a procurar, assim que chegou a São Paulo para pesquisar a cidade, os poetas e escritores, antes de percorrer seus arquivos. E, mesmo depois de remexer nas “fontes tradicionais”, permaneceu atraído por aquelas não tão usuais.

Em conversas no princípio da década de 1980, Morse dizia perceber uma forte diferença entre as cidades no estágio em que um único observador as podia testemunhar e descrever, e as cidades no estágio em que nenhum indivíduo conseguiria investigar todas as zonas de uma metrópole policêntrica². Neste momento os artistas tornam-se, em certo sentido, fontes de *insights* ainda mais importantes que no estágio posterior, quando a observação e a etnografia convencional foram abandonadas³. Essa opção heterodoxa quanto às fontes e aspecto, como outros aqui discutidos, aproximam, a meu ver, a abordagem de Morse daquela do brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987).

Desde os anos 1970 Gilberto Freyre vem sendo reconhecido como um pioneiro do que foi posteriormente denominado História Cultural e/ou História das Mentalidades no Brasil. Trabalho com a hipótese de que Morse também desempenhou um importante papel nesse campo nos Estados Unidos e no Brasil, e que contribuiu, direta ou indiretamente, para a “redescoberta” de Freyre no Brasil na década de 1980.⁴ Os dois autores também se assemelham por serem associados ao chamado “iberismo”, devido à adoção de uma visão positiva e otimista do legado ibérico em contraste com a do “americanismo”⁵.

Por que comparar Morse com Gilberto Freyre?

Gilberto nasceu em 1900 e Morse em 1922. Apesar da diferença cronológica e espacial, respectivamente Pernambuco, Brasil, e New Jersey, EUA, ambos receberam sua formação na mesma universidade norte-americana: Columbia, em New York, onde Freyre foi aluno do antropólogo Franz Boas, que o influenciaria significativa-

² A era dos viajantes do século XIX, tal como Saint-Hilaire, foi amplamente utilizada em seus estudos sobre São Paulo e sobre as cidades hispano-americanas.

³ BORGES, Dain. O naturalismo e a cidade do século XX: *The Narrowest Street* de Richard Morse. In: DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter. (Orgs.). *O código Morse. Ensaio sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 98-118.

⁴Ver, dentre outros: SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colônia. In: FREITAS, Marco Cezar (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001; VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. *História: Questões & Debates*. Curitiba: Editora UFPR, n. 50, jan./jun. 2009, p. 217-235.

⁵ VIANNA, Luís Werneck. Iberismo e americanismo. A polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. *Dados*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, 1991, 145-189.

mente, e Morse de Frank Tannenbaum e Benjamin Nelson. Como é bem conhecido, Freyre passou grande parte de sua juventude nos Estados Unidos, tendo publicado obras em inglês, só posteriormente traduzidas para o português. Uma delas, a tese de mestrado defendida na Universidade de Columbia, em 1922, mesmo ano do nascimento de Morse, só foi publicada no Brasil em 1964. Ela é importante neste ensaio em função de algumas semelhanças entre este texto da mocidade de Freyre e um ensaio da juventude de Morse sobre São Paulo⁶.

Nos Estados Unidos Freyre estudou diretamente com mestres ou leu trabalhos que lidavam com biologia, cultura e sociedade, embora tenha sempre mantido uma dimensão autodidata, que lhe dava uma liberdade para circular entre os diferentes círculos e áreas do conhecimento. Durante toda a vida escreveu regularmente para imprensa, jornais e revistas, e manteve sempre intenso contato e várias amizades com o meio artístico, não necessariamente ligado à vida acadêmica. No Brasil, podemos citar os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, o compositor Heitor Villa-Lobos, os romancistas José Lins do Rego e Jorge Amado, os pintores Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro e Di Cavalcanti, entre tantos outros. Teve seu lado boêmio e irreverente desde muito jovem, seja nos tempos de pós-graduação na Universidade de Columbia, em New York, quando frequentava Greenwich Village, em Recife ou nas suas visitas ao Rio de Janeiro.⁷ Segundo Gilberto Velho, Freyre era um membro da elite que frequentava e circulava entre vários meios⁸.

O itinerário de Morse apresenta interessantes confluências com o dele. O norte-americano também foi um membro da elite que circulou por vários meios. Como Freyre, tinha a capacidade de sintetizar, com originalidade, diversas correntes de pensamento e pontos de vista. A formação renascentista e contrária à especialização que o caracterizou da mocidade à maturidade, a atração por amigos e círculos não acadêmicos, a vocação para escritor no sentido mais amplo da palavra, que se vale de fontes variadas de pesquisa, a vertente boêmia, inclusive com passagem por Greenwich Village. Os dois eram ecléticos no sentido positivo do termo, de não se prenderem a um sistema interpretativo.

Esse histórico, embora interessante, certamente não me autorizaria a falar em presença de Freyre no pensamento de Morse. De onde viria, então, a possibilidade de uma analogia entre eles? Eu iniciaria com uma proximidade metodológica: a relativização das concepções de centro e periferia, abraçada fortemente por Morse, era parte constitutiva da análise de Freyre da herança ibérica, que explicitava seus componentes e seu funcionamento ao invés de lamentar o que lhe faltava para ser como a an-

⁶ FREYRE, Gilberto. *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*. New York: *The Hispanic American Historical Review*, v. 5, n. 4, nov. 1922, p. 597-630. A meu ver, este trabalho do jovem, quase adolescente Freyre, conforme ele se caracterizou em 1964, permite uma comparação interessantíssima com o texto do jovem Morse "São Paulo: a Cultural Interpretation", embora Morse não o cite nesse texto ou no livro sobre a biografia de São Paulo, conforme se verá no item 2.

⁷ VIANNA, Hermano. *Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.

⁸ VELHO, Gilberto. Gilberto Freyre: trayectoria y singularidad. *Sociologia, problemas e prácticas*, n. 58, 2008, p. 11-21.

glo-saxã realçava, inclusive com otimismo, os aspectos que a caracterizavam. Morse, um anglo-saxão certamente singular, agregou a essa interpretação uma sugestão aos scholars do centro: de valerem-se da produção dos pensadores nativos para melhor compreender o Brasil e a América Latina. Ele próprio seguiu sua receita assimilando, dentre outros, Gilberto Freyre, por si só um caso extremamente interessante pela ambiguidade entre o nativo e o “estrangeiro”, o pernambucano e o brasileiro⁹.

Comparar, como já dizia Marc Bloch, implica assinalar e analisar semelhanças e diferenças entre situações/países/sistemas/autores.¹⁰ Uma comparação entre Morse e Gilberto Freyre me parece preencher tais critérios. Biografias marcadas pela condição de outsiders em seus países, vidas marcadas pelo internacionalismo e por polêmicas decorrentes de suas publicações e atitudes são certamente estimulantes. Diria que foram interlocutores não porque estivessem em contato constante, mas pelas afinidades intelectuais e até, em certa medida, de personalidade, que podem ser atestadas por textos, entrevistas, cartas e cursos lecionados por Morse.¹¹ Deles é possível inferir, em Morse, uma espécie de “discípulo anglo” de Freyre.¹²

Escrutinando a obra de Morse, considere possíveis duas vias, ou dois momentos de abordagem da presença de Freyre em sua carreira: inicialmente pelas similaridades, ainda que difusas, desde a tese sobre São Paulo e os ensaios da juventude sobre as cidades, até a posterior defesa explícita de Freyre e de sua abordagem pelo Morse maduro nas décadas de 1980 e 1990. Antes mesmo de finalizar a tese sobre a formação histórica de São Paulo, Morse publicara uma resenha bastante positiva sobre *Inglêses no Brasil*, de Gilberto Freyre, em 1948.¹³ E, como veremos, fez também referências esparsas a ele em ensaios sobre intelectuais e cidades.¹⁴

⁹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994; BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics*. Oxford: Peter Lang, 2008 (The Past in the Present, 4); ELIAS, Rodrigo; BOJUNGA, Cláudia. Entrevista com Ricardo Benzaquen. “Nos anos 70 e 80, Gilberto Freyre era considerado um autor desprezível no Brasil. *Revista História.com.br*, 19/11/2010. Aprofundo a referida contribuição do olhar externo para a compreensão de culturas, no diálogo de Morse com diferentes temas e pensadores europeus e brasileiros, nos ensaios em andamento para a composição de *Richard Morse e a história intelectual no Brasil e nos Estados Unidos*, aceito para publicação pela Fino Traço Editora, Belo Horizonte, em agosto de 2013.

¹⁰ BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. O caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹¹ GOODWIN, Paul; HAMILL JR., Hugh M.; STAVE, Bruce M. A Conversation with Richard M. Morse. *Journal of Urban History*. May 1976 2: 331-356; SILVA, Eduardo Lins; SHIRTS, Matthew. Richard Morse confronta as raízes europeias das Américas. *Folha de São Paulo*. 15/03/1988; BOMENY, Helena. Entrevista com Richard Morse. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, 77-93.

¹² Ao usar o termo discípulo, nem de longe sugiro uma aceitação acrítica por Morse do pensamento de Freyre. Uma das notáveis semelhanças entre eles é precisamente não aderirem a qualquer “ismo”.

¹³ MORSE, Richard. *Inglêses no Brasil: aspectos da influência Britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil by Gilberto Freyre*. *The Hispanic American Historical Review*, v. 29, n. 4, nov. 1949, p. 609-611.

¹⁴ MORSE, Richard M. Latin American Intellectuals and the City, 1860-1940. *Journal of Latin American Studies* 10, 2, 1978, p. 219-238.

Para evitar fazer generalizações que requereriam um conhecimento profundo de uma obra tão extensa, tão estudada e tão discutida como a de Freyre, que não possuo, limito minhas considerações ao que posso documentar sobre a avaliação feita por Morse, no transcorrer de sua vida, sobre a obra de Gilberto Freyre. Ou seja, por deixar falar o autor, meu objeto, embora certamente induzido por minhas especulações e/ou questões. Dessa forma, ao buscar compreender por um ângulo ainda inexplorado a obra de Morse, este estudo talvez contribua, mesmo que indiretamente, para a discussão sobre alguns aspectos do pensamento de Freyre.

Conforme veremos, Morse fez referências a esse preceptor brasileiro durante toda a sua carreira. Isso certamente não exclui um diálogo intenso com outros pensadores brasileiros, igualmente relevantes e influentes para suas formulações. Pelo contrário, acrescenta. A dívida intelectual de Morse com Sérgio Buarque de Holanda e Oswald de Andrade, por exemplo, já vem sendo estudada, ainda que por poucos¹⁵. Mas, que eu tenha conhecimento, inexitem estudos sobre a presença de Gilberto Freyre na obra do “americano intranquilo”¹⁶, mesmo tendo sido ela reconhecida pelo próprio Morse, juntamente com a de Sérgio Buarque¹⁷.

No que se refere à biografia de Freyre, Morse considera digno de nota o fato de ele ter residido por longo tempo, e no início de sua carreira, em New York, na medida em que pode ter contribuído para uma visão mais compreensiva do Brasil, pela comparação com os Estados Unidos, assim como aconteceu com Sérgio Buarque, que trouxe da Alemanha o rascunho de seu ensaio mais célebre, *Raízes do Brasil*¹⁸. Ou seja, a experiência fora do Brasil lhes propiciou um olhar sobre o país que era ao mesmo tempo interno e externo.

Embora referências ao pensador pernambucano já estivessem na tese de doutorado sobre São Paulo e, de forma esparsa, nos escritos sobre cidades das décadas de 1970 e 1980, foi na década de 1980 que Morse assumiu publicamente uma defesa de Gilberto Freyre, em um texto ainda inédito entre nós sobre os “brasilianistas”, humoristicamente intitulado “Brazilianist: God Bless Them! What in the World is to be

¹⁵ MONTEIRO, P. M. As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero; e DOMINGUES, B. H. Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o Modernismo brasileiro. In: DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter. (Org.). *O código Morse, Op. cit.*, p. 169-208 e p. 77-98. Durante minha pesquisa de pós-doutorado tive acesso à epistolografia entre Richard Morse e Antonio Candido, que me permitiu acesso a opiniões privadas de Morse sobre vários intelectuais brasileiros. Pretendo explorar as sintonias entre Morse e Candido então descobertas em um ensaio futuro.

¹⁶ “Americano intranquilo”, como era conhecido Morse entre os brasileiros, deu título à publicação: CANDIDO, Antonio et al. (orgs.). *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992. O livro inclui textos de A. Candido, C. G. Mota, Francisco Falcon, Haroldo de Campos, José Murilo de Carvalho, Roberto DaMatta e Wanderley Guilherme dos Santos.

¹⁷ Uma excelente comparação entre Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre foi feita pelo próprio Morse em: *Balancing Myth and Evidence: Freyre and Sérgio Buarque*. *Luso-Brazilian Review*, vol. 32, n. 2, winter 1995, p. 45-57. Esse texto foi incluído como subcapítulo em: *O multiverso na busca pela identidade na América Latina desde 1920 até 1970*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. Vol. VIII. A América Latina após 1930: ideias, cultura e sociedade. São Paulo: EDUSP, 2011.

¹⁸ *Idem*. Análise a valorização do olhar estrangeiro por Morse e em Morse em: *Estrangeiros e visionários: Morse, Tocqueville e os Estados Unidos*. *Interseções*, 2013, p. 30-62.

done?”¹⁹ Neste paper, apresentado em um congresso de brasilianistas na Universidade de Stanford, Morse faz seu próprio balanço das contribuições de Sérgio e de Freyre, com eventuais referências a Caio Prado Júnior, então reconhecidos como os autores dos clássicos ensaios interpretativos do Brasil na década de 1930, cuja leitura recomendava a seus colegas brasilianistas.

Morse referiu-se então a *Casa grande & senzala* como o primeiro torpedo dessa geração, ao oferecer um tratamento heterodoxo de assuntos sexuais e da decisiva importância da herança africana na modelagem do modo de ser brasileiro. Mas se “nos idos de 1950, Gilberto estava no alvo dos sociólogos paulistas por elitismo e saudosismo, e por sua incapacidade de mostrar a dinâmica do processo social”, nos anos 1980 o cenário era bem diferente: os cientistas sociais brasileiros estavam revisando e revalorizando Freyre²⁰. O velho Freyre estava saindo do ostracismo e começando a ser reconhecido amplamente como um dos maiores intérpretes do Brasil de todos os tempos. Mais do que apropriada, portanto, a sugestão de Morse a seus contemporâneos e, como veremos, em seguida, aos brasileiros, de atentarem para a sua obra.

Na década de 1990, os ensaios de Morse contidos em *A volta de McLuhanáima* abordaram discussões sobre o tratamento de cidades e sociedades como pessoas, misturando Freud, Nietzsche, clássicos da sociologia, da linguística e do Modernismo brasileiro, sem referências diretas a Freyre²¹. Mas ele estava lá.

Gilberto Freyre é novamente elogiado em um ensaio de 1992 – “Cities as People” (“Cidades como pessoas”) – no qual psicologia, sociologia e literatura entrecruzam-se harmonicamente, tal qual em sua obra²². Três anos depois, em 1995, no referido balanço comparativo entre suas interpretações de Gilberto Freyre (mito) e Sérgio Buarque de Holanda (evidência) – seus dois autores favoritos entre os ícones da década de 1930 no Brasil –, Morse não conseguiu escolher um dos polos²³.

¹⁹ MORSE, Richard. Brazilianists, God Bless Them! What in the World is to be done? *Occasional Papers on Latin America Studies*. Stanford, Berkeley, winter 1983, n. 5, 1-11.

²⁰ Dentre eles, Ricardo Benzaquen de Araújo foi pioneiro. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz, Op. cit.*. Araújo fez um interessante balanço sobre os altos e baixos da obra freyreana em 2010. Ver: ELIAS, Rodrigo; BOJUNGA, Claudia. Entrevista com Ricardo Benzaquen, *Op. cit.*

²¹ MORSE, Richard. *A volta de McLuhanáima*. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²² MORSE, Richard. Cities as peoples. In: MORSE, Richard M.; HARDOY, Jorge E. (eds.). *Rethinking Latin American City*. Washington DC/Baltimore and London: The Wilson Center Press/The John Hopkins University Press, 1992, p. 3-19. Esse ensaio será incluído em uma coletânea de escritos inéditos de Morse, organizada por mim, a ser publicada pela Editora da UFMG, em 2014, juntamente com: São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation. *HAHR*34, 1954, p. 419-44; Toward a Theory of Spanish American Government. *Journal of the History of Ideas*, 15, 1954, p. 71-93; Some Characteristics of Latin American Urban History. *American Historical Review*, 67, 1962, p. 317-38; The Anthropologist as Policy Consultant. *Economic Development and Cultural Change*. The Chicago University Press, 11, n. 2, 1963, p. 190-95; e A Prolegomenon to Latin American Urban History. *HAHR*, 52, 1972, p. 359-94.

²³ MORSE, Richard. Balancing Myth and Evidence, *Op. cit.*

Em 1995, Morse reforçou a confissão feita em duas entrevistas, em 1976 e em 1989: ao escrever seu livro sobre São Paulo nos anos 1940/50, pretendia fazer uma biografia e não uma história desta metrópole que manteve o sentido de comunidade²⁴. Mas então com um adendo importante: queria ter feito uma versão urbana de *Casa Grande e Senzala*²⁵. Ou quem sabe poderia ter sido uma tentativa de adaptar *Sobrados & Mucambos* à capital bandeirante, uma vez que o próprio Freyre já tinha dado sua contribuição aos estudos urbanos, tendo sido inclusive citado literalmente por Morse em sua interpretação cultural de São Paulo de 1954²⁶.

Esse ensaio persegue a presença de Gilberto Freyre no pensamento de Morse, principalmente, embora não exclusivamente, nos ensaios acima mencionados. A partir desses textos, e de referências esparsas em outros, acredito ser possível documentar a presença do primeiro na obra do segundo, assinalando semelhanças, mas também diferenças. Se ambos são classificados como iberistas, em oposição aos americanistas, tratar-se-ia de dois iberismos diferentes²⁷.

Uma reconhecida contribuição de Freyre foi o reconhecimento do valor dos negros e dos índios em nossa sociedade, e especialmente da miscigenação que nos caracterizava. *Casa Grande & Senzala* é hoje reconhecido como o primeiro esforço significativo de sistematização da cultura como base fundamental de análise de nossa sociedade, ao utilizar-se de fontes antes pouco exploradas, como anúncios de jornais, diários, correspondências familiares, livros de receitas, cantigas de roda, entre outras. Segundo Ricardo Benzaquen de Araújo,

A reflexão desenvolvida por Gilberto parecia lançar, finalmente, as bases de uma verdadeira identidade coletiva, capaz de estimular a criação de um inédito sentimento de comunidade [grifo meu] pela explicitação de laços, até então insuspeitos, entre os diferentes grupos que compunham a nação²⁸.

Esse “inédito sentimento de comunidade” atraiu Morse para São Paulo nos anos 1940 e manteve seu interesse pelo país durante toda a vida. O americano apreciava também, em Freyre, a utilização das fontes poucos convencionais acima mencionadas.

²⁴ GOODWIN, Paul; HAMILL JR., Hugh M.; STAVE, Bruce M. A Conversation with Richard M. Morse, *Op. cit.*; BOMENY, Helena. Entrevista com Richard Morse, *Op. cit.*

²⁵ MORSE, Richard. Prefácio. In: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocação do Prazer*. Rio e Janeiro: Editora Rocco, 1995, p. 1-5.

²⁶ MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*

²⁷ Sobre a distinção entre iberistas e americanistas ver: VIANNA, Luiz Werneck. Americanistas e Iberistas, *Op. cit.*; DOMINGUES, Beatriz Helena. Tradição e mudança na América Hispânica e no Brasil: uma abordagem comparativa entre as formulações de Luiz Werneck Vianna e Richard Morse. In: *Homenagem aos 70 anos de Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011, p. 133-147.

²⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz*, *Op. cit.*, p. 28. Ver também NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história*. A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa Grande & Senzala e a representação do passado. SP: UNESP, 2011.

Tento mostrar que, embora a presença de Freyre em Morse datasse da juventude, Morse o citava, nessa fase, em tópicos específicos para ilustrar suas interpretações. Esse foi o caso do ensaio em que oferece uma interpretação cultural de São Paulo por Morse em 1954, extraído da tese de doutorado sobre a formação histórica da cidade. Já na maturidade, a partir do mencionado texto sobre brasilianistas de 1983, Morse escreveu sobre o pensador Gilberto Freyre e sua interpretação do Brasil²⁹. No *paper* endereçado aos brasilianistas, em 1983, sugere a eles que talvez a forma mais adequada de abordar o Brasil, ou outro país da América Latina, não seja apenas debruçando-se sobre seus arquivos, mas também lendo seus intérpretes mais representativos, sejam eles ensaístas, romancistas ou poetas. Ou seja, valendo-se de fontes menos convencionais. E dá conhecimento a eles dos já célebres três intérpretes do Brasil na década de 1930: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Entre esses dois momentos da trajetória de Morse introduzo um *flash* da de Freyre, que de certa forma ilumina seu iberismo e ecos dele no Morse maduro.

De forma que os próximos dois itens discutem, respectivamente: 1) a presença mais difusa de Freyre na juventude Morse, exemplificada por um ensaio sobre São Paulo de 1954, ainda inédito em português; 2) a defesa explícita de Freyre por Morse em ensaios das décadas de 1980 e 1990.

Freyre nos estudos sobre cidades de Morse nas décadas de 1940 a 1950

Em entrevista a Paul Goodwin, Hugh Hamill Jr. e Bruce M. Stave, em 1976, Morse disse que chegou à América Latina e ao Brasil por acidente. Quando pediu a bolsa para vir para São Paulo tinha esperança de estar escapando da vida acadêmica. Questionado por Hamill se, naquela ocasião, já tinha planos de escrever sua tese de doutorado, foi categórico:

Não. Eu pretendia escrever um livro sobre um dos fenômenos mais dramáticos que eu tinha visto na América Latina, a cidade de São Paulo. Fundada em 1554, não tinha mantido nenhuma das características arcaicas ou arquitetura colonial, e era conhecida como a Chicago da América do Sul. Cheia de imigrantes de todos os tipos, não só do Mediterrâneo, mas alemães e japoneses. Grande parte do que eu havia lido parecia sugerir que era uma terra de peões, de haciendas de adobe (...) Eu não entendia por que São Paulo não era um tópico que valesse a pena, apesar de poucas pessoas compartilharem meu ponto de vista. (...) Uma vez que a literatura tinha sido útil para mim até então para encontrar meus referenciais, e que desde então eu adotei a premissa de que a imaginação literária era uma visão de mundo mais sensível e compreensiva do que a imaginação

²⁹ Segundo Ronaldo Vainfas, “A casa-grande, metáfora do Brasil, é o cenário onde se opera a miscigenação a um só tempo racial e cultural, por ele positivada, numa convergência de contributos que não elimina, porém, as hierarquias e violências da escravidão – ao contrário do que deste livro diriam os críticos nas décadas de 1960-1970”. VAINFAS, Ronaldo. História Cultural e Historiografia Brasileira, *Op. cit.*, p. 224.

histórica ou das ciências sociais, comecei com as figuras literárias [grifo meu]³⁰.

Em outra entrevista, em 1989, Morse novamente afirmou ter descoberto a América Latina e o Brasil por acidente, e confessou não ter gostado muito de São Paulo em sua primeira visita, em 1941, quando retornava de uma viagem ao Chile e à Argentina. Ainda assim, ou talvez por isso, escolheu a história dessa cidade como tema da tese de doutorado quando retornou ao Brasil com uma bolsa de estudos, em 1947. Lembrando-se do momento ponderou, retrospectivamente, como havia feito em 1976:

Eu queria escrever um livro, não queria escrever uma tese, não queria entrar para o mundo acadêmico. Aquela coisa de São Paulo havia ficado na minha mente: por que surgira aquela cidade enorme que todo o mundo dizia ser a Chicago da América do Sul, e que forças econômicas teriam eliminado de sua paisagem quase todos os sinais de uma tradição arquitetônica anterior³¹?

Embora o projeto inicial englobasse os três primeiros séculos coloniais, ao chegar a São Paulo, quase imediatamente reduziu o escopo temporal e decidiu começar pela época da Independência. Naquela época, uma das maiores referências para os estudos sobre cidades era Lewis Mumford, que “escrevera um livro de muita sensibilidade sobre a cultura urbana acreditando no potencial dos seres humanos de fazer cidades”. O livro ia das cidades pré-históricas e clássicas, Atenas e Roma, até o século XX: tinha uma avaliação de que “a cidade grega era boa, a romana era péssima, a medieval era boa, e a cidade industrial fora obviamente uma tragédia”. O que parece ter atraído Morse era o fato de Mumford pertencer àquele grupo que “queria refazer a ideia de comunidade”, um pouco na linha que ele tinha em mente perseguir, ao invés de seguir uma orientação mais marxista, ou mesmo economicista, na perspectiva de Henri Pirenne. Ou seja, optou por uma orientação mais culturalista, que hoje chamaríamos de História Cultural ou História Intelectual, pensando as cidades a partir dos momentos nos quais se poderia perceber a experiência da comunidade.

³⁰ GOODWIN, Paul; HAMILL JR., Hugh M.; STAVE, Bruce M. A Conversation with Richard M. Morse, *Op. cit.*, p. 335-336. “No. I intended to write a book about one of the most dramatic phenomena I’d seen in Latin America, the city of Sao Paulo. It was founded in 1554, it hadn’t retained any archaic features or colonial architecture and was known as the Chicago of South America. Filled with immigrants of all sorts, not only Mediterranean but German and Japanese. Most of what I’d read seemed to suggest that it’s a land of peons, of adobe *haciendas*. (...) I did not see why Sao Paulo wasn’t a worthwhile topic, although few people shared my view. (...) Since literature had been helpful to me until then in finding my bearings, and since I supposed the literate imagination to be more sensitive to a comprehensive view of the world than the historical or social science imagination, I began with the literate figures”.

³¹ BOMENY, Helena. Uma Entrevista com Richard Morse, *Op. cit.*

Busquei aqueles momentos ricos de promessas, muito mais do que os determinantes históricos. Enquanto escrevia meu livro, *Formação histórica de São Paulo. Da comunidade à metrópole*, li antropólogos como Robert Redfield, que se preocupavam igualmente com a polaridade comunidade/sociedade, clássica desde Durkheim. No entanto, minha ideia não era fazer uma história linear das cidades, passando de um tipo ideal para outro, e sim indicar na metrópole atual o potencial de restauração da noção de comunidade, de uma maneira muito mais complexa e pluralista [grifo meu]³².

O caminho escolhido para tratar da história da cidade de São Paulo foi, então, identificar alguns momentos culturais importantes e tentar perceber a mentalidade das pessoas. Começava pelo estabelecimento da Academia de Direito e pela publicação das primeiras revistas, passava ao romantismo – exemplificado por Álvares de Azevedo em um primeiro momento e, em um segundo, com a chegada de Castro Alves na Faculdade de Direito –, seguido da *Belle Époque* na década de 1890. Finalmente vinha o momento do Modernismo, um movimento que considerava vital não só para a interpretação da história de São Paulo e de outras cidades latino-americanas, como sobre vários outros temas³³.

Morse nos informa que a sugestão para que os capítulos seguissem essa ordem veio do já mestre e amigo Antonio Candido, que confirmou, em entrevista em 2013, ter dado este palpite. Também reforçou sua admiração pelo livro sobre São Paulo e pelos demais escritos por Morse, com destaque para o *Espelho de Próspero*. Na ocasião perguntei a Candido se fazia sentido uma comparação entre Gilberto Freyre e Morse e ele exclamou entusiasmado: “Claro que sim. Estamos lidando com história cultural, ou das ideias ou intelectual. E era isso que os dois faziam”³⁴.

Morse parecia já estar mais ou menos consciente dessa sintonia na resenha que escreveu de *Ingleses no Brasil*, de Gilberto Freyre, em 1948³⁵. Como *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados & Mucambos*, a obra lhe parecia concebida em uma maneira ibérica. Isso faz com que, à primeira vista, a ausência de qualquer polarização temática desconcerte o leitor habituado ao funcionalismo inclemente das monografias acadêmi-

³² *Idem*.

³³ *Ibidem*. A periodização estabelecida dessa maneira ajudava a perceber as mudanças econômicas, as mudanças políticas, o processo de educação, a recepção de ideias estrangeiras, etc.

³⁴ Trata-se de uma entrevista que fiz com Antonio Candido em 8 de abril de 2013 em São Paulo, juntamente com Matthew Shirts e Maria Bitarello (tradutora de textos inéditos de Morse a serem publicados pela Editora da UFMG). Infelizmente não conseguimos gravar a entrevista na íntegra. De forma que minha citação é uma mistura das transcrições da fala de Candido com minhas anotações durante a conversa.

³⁵ MORSE, Richard. *Ingleses no Brasil*, *Op. cit.*

cas³⁶. O fato de a tese não ser sistematicamente provada não retira da obra sua vida e poder de convencimento. Dentre outros méritos, permite perceber, lado a lado à penetração inglesa, uma “penetração em reverso”: um persistente *ethos* brasileiro que recusa sistematicamente e, então desconcerta, os representantes de Sua Majestade britânica.

Freyre vislumbrou uma tese histórica promissora. E, ao fazê-lo, explora alguns poucos fascinantes grupos de fontes materiais para preencher os vácuos deixados pela documentação secundária convencional tais quais Manchester, Rippy e Morales de los Rios Filho. O livro é, então, mais que uma sugestiva hipótese. É um estudo psicológico – definitivo no sentido em que uma novela é definitiva – não dos ingleses, mas dos ingleses no Brasil [grifo meu]³⁷.

Não se trata, para Morse, nem de uma canonização do anglo-saxão nem de uma escoriação do explorador. Freyre adota o jeitinho brasileiro de “humanizar a vaca sagrada”, fazendo pelos ingleses o que, “segundo Sérgio Buarque, o diminutivo fez pela língua portuguesa: ao tornar os objetos mais acessíveis aos sentidos, aproxima-os do coração”³⁸. É incrível como nessa resenha de três páginas já encontramos o elogio da abordagem psicológica em contextos específicos e a comparação entre Freyre e Sérgio Buarque, que marcaram seus escritos posteriores. Mas prossigamos, por enquanto, nos escritos da juventude.

Como já amplamente realçado e analisado no Brasil, o livro de Morse sobre São Paulo foi publicado, em 1954, como parte das comemorações dos quatrocentos anos da cidade. É pouco conhecido, entretanto, um ensaio em inglês que saiu neste

³⁶ At first the casualness, the lack of any single polarizing theme in *Ingleses* disconcerts a reader inured to the merciless functionalism of monographs. Yet as one reads further, an artistic unity begins to assert itself. Like *Casa Grande* and *Sobrados*, *Ingleses* is conceived in the Iberian baroque manner. MORSE, Richard. *Ingleses no Brasil*, *Op. cit.* p. 610. Essa parecia ser também a opinião de Octávio Tarquínio de Souza que considera a obra de Freyre um ensaio no melhor sentido do termo, que “com originalidade, força, simplicidade, naturalidade” permite “descobrir aspectos novos, de fixar a nota humana, de interessar os leitores não só com as ideias como com os sentimentos”. Trata-se, segundo ele, de um trabalho embasado em paciente pesquisa e cautelosa interpretação sociológica, caráter de romance, de obra de imaginação. SOUSA, Octavio Tarquínio de. Prefácio de: FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. 394p. (Documentos Brasileiros, 58). Ver também: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *The English in Brazil: a study on cultural encounters*. *Tempo Social*. Revista de Sociologia. São Paulo, USP, 13 (2), p. 227-230, 2001.

³⁷ “Freyre has adumbrated a promising historical thesis. In so doing he exploits a few fascinating pockets of source material, filling the gaps from standard secondary accounts, such as Manchester, Rippy, and Morales de los Rios Filho. Yet the book is more than suggestive hypothesis. It is a psychological study-definitive in the sense that a good novel is definitive-not of the Englishman, but specifically of the Englishman in Brazil. Freyre neither canonizes the efficient Anglo-Saxon nor excoriates the ruthless exploiter”. MORSE, Richard. *Ingleses no Brasil*, *Op. cit.* p. 611.

³⁸ *Idem*. “He has the characteristically Brazilian knack of humanizing the sacred cow. He does for Englishmen what, as Sérgio Buarque de Holanda observed, the diminutive ending does for the Portuguese language”; (. . .) “it serves to familiarize us more with persons or objects and, at the same time, to set them in relief. It is a way of making them more accessible to the senses and also of approximating them to the heart”, p. 611.

mesmo ano na *Hispanic American Historical Review*, intitulado “São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation”, que seguia o mesmo esquema cronológico, porém focando quase que exclusivamente nos aspectos culturais que considerava mais elucidativos para explicar a passagem da comunidade à metrópole³⁹. Neste ensaio, Morse esboça uma tese muito interessante, aprofundada em 1984 em “Cidades como arenas culturais”: a produção cultural de uma cidade ou de um país não está diretamente condicionada a seu desenvolvimento econômico, material. Algumas vezes pode-se mesmo encontrar essa equação invertida⁴⁰. A condição de periferia pode levar cidades a tornarem-se arenas culturais mais instigantes e criativas que aquelas do centro. Foi o que aconteceu com o Modernismo na Rússia, no Brasil e na América Latina na segunda década do século XX, em grande medida devido à crise europeia que se seguiu à Primeira Guerra Mundial.

Morse optou por ouvir as vozes da cidade da boca dos ícones dos dois movimentos literários que considerou mais significativos – o Romantismo e o Modernismo – representados principalmente, ainda que não exclusivamente, por Álvares de Azevedo, Castro Alves, Machado de Assis, Mário e Oswald de Andrade e Lasar Segall. Os poemas de Álvares de Azevedo e de Castro Alves lhe mostravam São Paulo como uma cidade bem diferente, certamente muito mais pobre que o Rio de Janeiro imperial ou as esplendorosas cidades barrocas de Minas Gerais ou Bahia. Sem dúvida, em meados do século XIX, aquela pequena comunidade fundada por bandeirantes e jesuítas no século XVI estava longe de apresentar uma estrutura urbana comparável à da capital imperial do país.

A tese de Morse foi então a de que o provincianismo de São Paulo refletiu-se, claramente, em sua expressão cultural. Sua explicação para isto poderia se confundir com um trecho de *Sobrados & Mucambos*.

A cidade não herdou dos índios quaisquer artes avançadas e, de mais a mais, não possuía recursos para importar as europeias, nem tinha perspectivas ou disposição para desenvolvê-las localmente em nenhuma medida. Diante dessas limitações, a mais notável façanha talvez tenha sido a arquitetura dos domicílios patriarcais: os sobrados dentro da cidade e as chácaras em seus arredores. Estas casas eram de taipa ou terra batida, jamais do granito que deu ao Rio de Janeiro, a Recife, a Salvador e, até mesmo, a Santos uma compleição urbana europeia. Elas também eram verdadeiramente funcio-

³⁹ MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.* Referências a esse ensaio serão feitas na segunda parte deste texto. A versão em inglês do livro sobre São Paulo foi publicada em 1958. *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville: University of Florida Press, 1958. Ou seja, com o título que Morse escolheu: biografia e não história. Outro ensaio do mesmo período lidando com a temática é: São Paulo in the Nineteenth Century: Economic Roots of the Metropolis, *Inter-American Economic Affairs*, V, n. 3, 1951, p. 24-37. Diretamente sobre Freyre já foi mencionada a resenha sobre “Ingleses no Brasil” em 1949.

⁴⁰ MORSE, Richard M. Cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 8, n. 16, 1995, p. 205-225. A publicação original em inglês foi em 1984 e em espanhol em 1985.

nais, se entendemos o termo como a beleza despreziosa decorrente do uso racional de materiais locais e de conhecimento de padrões sociais e da tradição⁴¹.

Embora a metrópole moderna tenha confinado os sobrados e seu estilo de vida ao esquecimento, sua graça e dignidade ainda podiam ser confirmadas nas primeiras fotografias de São Paulo e em cidades do interior paulista, como Itu e outras ao longo do vale do Paraíba. Mais do que em outras partes do Brasil, a cultura europeia foi transfigurada pelo espírito popular nativo, e a compleição da futura metrópole era menos urbanizada do que suas concorrentes nacionais do Rio, Minas Gerais e Bahia.

Quais fatores teriam então contribuído para o crescimento econômico, acompanhado pelo vanguardismo de São Paulo como arena cultural no início do século XX? Sem abdicar de explicações econômicas e sociais, fartamente oferecidas no livro sobre a história de São Paulo, o autor detêm-se em personagens – viajantes, pensadores, romancistas e poetas – que, desde as últimas décadas do século XIX até as primeiras do século XX, perceberam e expressaram, criticamente, as características da cidade e, em certa medida, do Brasil.

Os primeiros sinais de mudança teriam ocorrido em meados do século XIX, quando a introvertida comunidade tornou-se centro de atração sobre professores e alunos de diversas partes do país. Correspondeu aos anos do romantismo, durante as décadas de 1840 e 1850, representados especialmente pelo poeta Álvares de Azevedo, que entrou para a Academia em 1848 com 17 anos de idade e, como um herói romântico, morreu quatro anos depois.⁴² Seus sentimentos mistos a respeito de São Paulo sugerem a complexidade profunda de sua personalidade literária. “[Sem ter] aonde ir”, escreveu em uma carta, “e sem nenhum prazer em vagar pelas ruas, vejo-me na maior insipidez possível, ansioso por deixar esta tediosa vida na mal-pavimentada São Paulo”⁴³.

⁴¹ Tradução de Maria Bitarello para a mencionada coletânea de textos inéditos: “From the Indians the town had inherited no advanced arts; moreover, it lacked the wherewithal to import European ones, and the outlook or disposition to develop them to any extent locally. Within these limitations, the most noteworthy achievement was perhaps the architecture of the patriarchal dwellings: the sobrados within the town and the chácaras on its outskirts. These houses were of taipa, or rammed earth, and never of the granite, which gave Rio de Janeiro, Recife, Salvador and even Santos an urban, European complexion. They were also truly functional, if by that term is meant the unpretentious comeliness arising from rational use of local materials and from cognizance of social patterns and tradition. SAIA, Luis. *Carapicuba* (ms., 1938, emprestado pelo autor) e Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 8, 1944, p. 247-275; BRUNO, Ernani Silva. Apontamentos sobre a cidade e a casa de São Paulo no século dezenove. *Boletim bibliográfico*, I, 3, abril/jun., 1944, p. 99-104; Saint-Hilaire. *Voyages dans les Provinces de Saint-Paul*. 2 v. Paris, 1851. *Apud* MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 420-421.

⁴² Para sua biografia, ver a introdução de Homero Pires para o livro *Obras Completas*, de Manuel Antônio Álvares de Azevedo (8. ed.; 2 vols., São Paulo, 1942), I, XI-XXVI; Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, *Álvares de Azevedo* (São Paulo, 1931).

⁴³ Tradução de Maria Bitarello para a mencionada coletânea de textos inéditos: “[Lacking] any place to go”, he wrote in a letter, “and seeing no pleasure in wandering around the streets, I find myself in the greatest insipidity possible, eager to leave this tedious life of badly paved Sao Paulo”. Alvares de Azevedo to his mother, Maria Luisa Silveira da Mota Azevedo in July 7, 1849. Alvares de Azevedo, *Op. cit.*, II, 496. *Apud* MORSE, R. M. São Paulo since independence, *Op. cit.*, p. 421.

Apesar disto, este mesmo lugar – que não tinha nenhuma das qualidades avassaladoras da selva amazônica, do sertão do Ceará, da extravagante baía do Rio de Janeiro, das vastas planícies do Rio Grande do Sul ou mesmo das contorcidas colinas e do solo avermelhado de Minas Gerais – manteve um fascínio sutil e insistente⁴⁴.

Segundo Morse, Lasar Segall, um dos principais pintores modernistas de São Paulo, lhe sugerira “que as ‘tonalidades’ cinzas, marrons e ocres do ambiente da cidade concederiam ao artista ecletismo e liberdade para uma expressão subjetiva”. O cenário paulistano trouxera à mente de Segall as observações de Henry James sobre as atraentes belezas e tradições de Veneza, que o distraíram da “infrutífera agitação da composição”. Em Veneza, James escreveu, trabalha-se “menos congruentemente, afinal – no que diz respeito à imagem circundante – que na presença do moderado e do neutro, aos quais podemos conceder um pouco da luz da visão”⁴⁵.

Esse não era, por certo, o caso de São Paulo. Assim como suas tradições não ostentavam a riqueza e a panóplia da Bahia colonial ou uma exótica cultura popular africana ou indígena, também a configuração física da cidade é “moderada” e “neutra”.

O solo não é nem rico nem estéril; a terra não é plana nem montanhosa; o clima não é frio nem tropical. Ao mesmo tempo, os elementos naturais que existem não conseguem se misturar bem ao elemento aconchegante de outros assentamentos de clima temperado. Poderíamos dizer que eles não se resolvem ou encontram-se em um tom menor, de tal forma que é encantador para uns e inosso para outros⁴⁶. Uma das características distintivas da cidade, por exemplo, é sua celebrada garoa, um forte nevoeiro beirando a precipitação que nasce nas massas de ar do sudoeste do Pacífico⁴⁷; nela, os românticos viam o mistério e a melancolia da Londres de Byron⁴⁸.

⁴⁴ “Yet this same locale-which had none of the overpowering qualities of the Amazon jungle, the drought-land of Ceara, Rio de Janeiro's extravagant bay, the wide plains of Rio Grande do Sul or even the contorted hills and red soil of Minas Gerais held a subtle, insistent fascination”. *Apud* MORSE, Richard. São Paulo since independence, *Op. cit.* p. 422.

⁴⁵ Preface to *The Portrait of a Lady* (Henry James, *The Art of the Novel* [New York, 1948]), p. 40-41, *Apud* MORSE, Richard. São Paulo since independence, *Op. cit.*, p. 422.

⁴⁶ Esta qualidade do ambiente foi percebida por viajantes da metade do século: KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James C. *Brazil and The Brazilians portrayed in historical and descriptive sketches*. Philadelphia, 1857, p. 363-364; PFEIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*. Paris, 1880, p. 96-98; ZALUAR, Augusto-Emílio. *Peregrinações pela Província de São Paulo 1860-1861*. Rio de Janeiro, n. d., p. 195-199.

⁴⁷ FERRAZ, J. de Sampáio. As garoas de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, 26 abr. 1939.

⁴⁸ Tradução de Maria Bitarello para a mencionada coletânea de textos inéditos. “The soil is neither rich nor sterile, the land neither flat nor mountainous, the climate neither frigid nor tropical. At the same time the natural elements, which do exist, fail to blend in the “homeyness” of many settlements in a temperate clime. They are unresolved, one might say, or pitched in a minor key, in a way that is haunting to some, lackluster to others. One of the city's distinctive features, for example, is its celebrated garoa, a heavy fog verging on precipitation borne in from the southwest by Pacific air masses; romanticists saw in it the mystery and melancholy of Byron's London”. FERRAZ, José de Sampáio. As garoas de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, 26 abr. 1939), *Apud* MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 424.

Em função disso, a literatura de meados do século em São Paulo abordava temas mais latentes e mais difusos que no Norte, onde um autor como o maranhense Gonçalves Dias (1823-1864) idealizava os costumes sobreviventes do “nobre selvagem” no Maranhão⁴⁹. Para deduzi-los na garoa paulistana, pondera Morse, era necessária a “sensibilidade tonal” a que se refere Lasar Segall. Ou talvez a ambivalência de Álvares de Azevedo em *Macário* (1852)⁵⁰. Nesse diálogo, o personagem central é um estudante apaixonado pelo romantismo que, recém-chegado a São Paulo, conversa com um diabo irreverente e gozador. E o autor, ambivalente, se identifica com ambos.

Segundo Morse, enquanto Álvares de Azevedo era tímido, diligente e apaixonado pelas mulheres de seus sonhos, o poeta Castro Alves era seu contraponto: impetuoso, autocentrado, negligente com as aulas e inclinado a declamações públicas. Em suas palavras, seria um representante da “vertente deslumbrada” do movimento. O primeiro seria um Shelley e o segundo, um Tennyson:

Voltando à análise do Romantismo do Sr. Tate, se Álvares de Azevedo é o Shelley que se torna espiritualmente impotente diante de um mundo científico e “cai sobre os espinhos da vida”, Castro Alves se inclina a uma solução alternativa. Com a “imaginação bruta e física” de um Tennyson, encanta-se com o otimismo eficiente da ciência, e nos pede que acreditemos que um rearranjo das relações externas do homem não só o tornará um pouco mais confortável, mas também removerá o problema do mal e inaugurará a perfeição⁵¹.

Isso talvez explique o porquê de, na São Paulo de fins do século XIX, as grandes realizações dos liberais – a abolição da escravidão e a proclamação da República – terem deixado um vácuo ideológico ao invés de direcionar a atenção para preocupações mais complexas. “A apatia intelectual, entretanto, passou despercebida pelos paulistas devido ao entusiasmo e clamor pela concretização do progresso material”⁵². Ao avaliar o período pelos olhos dos românticos, Morse não esconde sua simpatia pela complexidade da visão dos atormentados poetas de meados do século. O pro-

⁴⁹ BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, 1946, p. 57-70, *Apud* MORSE Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 425.

⁵⁰ “Macário” é uma peça teatral escrita por Álvares de Azevedo pouco antes de morrer em consequência da tuberculose, e logo depois de ter sonhado um encontro seu com satã, com o qual o personagem principal dialoga em diferentes situações. Morse atenta para as que se referem à cidade depravada: São Paulo.

⁵¹ “If, returning to Mr. Tate's analysis of romanticism, Álvares de Azevedo is the Shelley who becomes spiritually impotent before a scientific world and ‘falls upon the thorns of life’, then Castro Alves leans toward an alternative solution. With the ‘crude, physical imagination’ of a Tennyson he ‘enjoys something like the efficient optimism of science; he asks us to believe that a rearrangement of the external relations of man will not alone make him a little more comfortable, but will remove the whole problem of evil, and usher in perfection’. TATE, A. *Op. cit.* *Apud* MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 429.

⁵² MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. Cit.*, p. 430.

blema das últimas décadas do século XIX, em seu entender, foi a euforia com o crescimento urbano (indústria, comércio, bancos, etc.). Devido a ele:

Havia pouca demanda para a especulação política e filosófica de décadas anteriores – exceto, talvez, quando fragmentos da teoria federalista eram exumados para censurar o governo por desviar a riqueza paulista⁵³.

Morse concorda com João Camilo de Oliveira Torres que acidade estava tão confiante na inevitabilidade de sua evolução que, em contraste com o Rio de Janeiro, sequer precisou do culto formal do Positivismo⁵⁴. Ou seja, a cidade mudou muito entre os anos 1850 e 1880, conforme atestaram alguns viajantes que fizeram comparações opostas entre Rio de Janeiro de São Paulo. Se, em 1855, o pastor protestante norte-americano reverendo J. C. Fletcher caracterizara São Paulo como “mais intelectual e menos comercial” que a capital do Império, em 1909 o francês Denis afirmou o oposto:

A sociedade de São Paulo é menos inclinada à literatura, à dicção e à eloquência que o Rio; embora a sintamos como mais ativa, São Paulo não é a capital das letras brasileiras. É apaixonada por questões econômicas⁵⁵.

O grau de bacharel, antes carregado de responsabilidades pioneiras para delinear horizontes da vida nacional, não passaria então “de um nicho na ordem urbana burocrática”. Conforme Mário de Andrade, os estudantes escritores pós-1880 não tinham a profundidade de seus antecessores: formavam grupos boêmios e mostravam suas excentricidades em uma poesia lânguida de caráter ornamental. Foi só com o advento do Modernismo, por volta de 1916, que a intelectualidade paulista começou a vislumbrar perspectivas de uma nova arte⁵⁶.

⁵³ “Little demand existed for the political and philosophic speculation of earlier decades-except perhaps when fragments of federalist theory were exhumed to chide the government for siphoning off paulista wealth”. PALMER JR, Thomas W. São Paulo and the Republican Movement in Brazil. *The Americas*, VIII, 1, jul. 1951, p. 47-51, *Apud* MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 430.

⁵⁴ “So confident was the city of the rewards and inevitability of its progress that, in contrast to Rio de Janeiro, it scarcely offered a foothold to the formal cult of positivism”. MORSE, R. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 430-431.

⁵⁵ DENIS, Pierre Denis. *Le Brésil au XXe siècle*. 7. ed. Paris, 1928, p. 112. “The society of Sao Paulo is less given to literature, diction and eloquence than that of Rio; though one feels it to be more active, Sao Paulo is not the capital of Brazilian letters. It is impassioned over economic questions”. *Apud* MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 431.

⁵⁶ ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro, 1942, p. 16. *Apud* MORSE, R. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 434.

A maioria dos modernistas nasceu a partir de 1890 e foi parte da primeira geração que experienciou São Paulo como uma metrópole desde a infância, sem se identificar com o parnasianismo. A principal tarefa assumida por grande parte deles foi tentar integrar arte e sociedade, uma vez que a arte do fim do século XIX tinha assumido um sentido de virtuosidade e de isolamento do artista em relação à sociedade. Já os modernistas, como os românticos de meados do século XIX, eram artistas integrados em suas comunidades.⁵⁷ O que impressionava Morse nesses jovens não era a insolência ou iconoclastia, mas a autoconsciência e o senso de missão.

Não foram, contudo, somente os poetas e viajantes dotados de olhares externos que viam com suspeita o vertiginoso progresso de São Paulo. O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, quem sabe por sua longa estadia no exterior, é também citado por Morse por ter feito uma crítica arguta do mero progresso econômico e técnico, que deixava de lado outras dimensões da vida⁵⁸. O pernambucano associava a passagem da monarquia à república no Brasil à negação da herança afro-portuguesa, quando as famílias tradicionais leilaram suas peças de prata e jacarandá aos estrangeiros, substituindo-as por modismos importados da Europa. Segundo Freyre, os clássicos e as humanidades perderam espaço para as disciplinas técnicas e práticas.

Jefferson e Edison em vez de Ulisses, Demóstenes e Cícero. Palavras severas do inglês, como “confiança”, “empréstimo de financiamento” e “déficit” foram introjetadas no vocabulário. Falava-se das complexidades abstratas da valorização do café, mas não mais sobre a “valorização do homem brasileiro – do homem e do povo”⁵⁹.

Nessa atmosfera cultural, conclui Morse, “os hobbies eram subordinados ao progresso material, tornando-se adjuntos ao invés de uma dimensão da vida cívica da cidade”⁶⁰.

É interessante o fato de Morse citar Gilberto Freyre lado a lado com a crítica modernista paulista ao culto do progresso, uma vez que Freyre, certamente um nostálgico como Morse, era um ferrenho crítico do Modernismo paulista que, segundo ele, pecava por se considerar como o Modernismo por antonomásia. Já a visão de Morse sobre a singular coexistência (com coerência e vitalidade) da tradição doméstica da “comunidade” com uma ordem universalista de “metrópole” parecia abarcar a versão paulista do Modernismo. Não é que ele, necessariamente, postulasse ou

⁵⁷ MORSE, Richard. São Paulo Since Independence *Op. cit.*, p. 434.

⁵⁸ Morse não se refere a esse aspecto biográfico de Freyre, que considero importante acentuar.

⁵⁹ FREYRE, Gilberto. O período republicano. *Boletim bibliográfico*, I, 2, jan./mar. 1944, p. 61-72. *Apud* MORSE, Richard. São Paulo Since Independence, *Op. cit.*, p. 432. “Children were baptized Newton, Jefferson and Edison instead of Ulysses, Demosthenes and Cicero. Harsh English words like ‘trust’, ‘funding-loan’ and ‘deficit’ were injected into vocabulary”.

⁶⁰ *Idem.*

pressupusesse que o Modernismo paulista correspondesse a um genericamente “brasileiro”. Mas, como não fez a diferenciação, deixou espaço para conjecturas.

O que importa para o meu argumento é que a potencial discordância na análise do Modernismo não parece ter interferido na admiração de Morse for Freyre, nem na assimilação de seu pensamento para reforçar algumas hipóteses e sofisticar certas interpretações. Como no livro sobre São Paulo, no ensaio de 1954 o norte-americano recorreu ao brasileiro para reforçar sua própria crítica ao progresso material desprovido de uma visão humanista, bem como sua adesão ao uso e ao tratamento de fontes de tipos variados para compor um quadro da “mentalidade” de São Paulo⁶¹.

Precisamente por Morse ter retrocedido à segunda metade do século XIX para explicar o significado da eclosão do Modernismo em São Paulo, me parece estranho que ele não tenha sequer mencionado um ensaio de Freyre que trata diretamente da vida social do Brasil em meados do século XIX, já publicado em inglês na ocasião da sua pesquisa de doutorado.⁶² Esse texto fora apresentado como pré-requisito para obtenção do título de mestre na Columbia University, NYC, em 1922 (coincidentemente o ano do nascimento de Morse e na mesma universidade em que veio a fazer seu doutorado e defender a tese sobre São Paulo)⁶³.

Conforme visto, Morse historia a transformação de São Paulo de vila em metrópole ocorrida pouco antes da explosão da Semana de 1922. Essa São Paulo já metropolitana em 1922, juntamente com o Rio, está no âmago da crítica Freyre em seu *Manifesto Regionalista*, mas a concepção de cidade periférica como arena cultural pri-

⁶¹ O livro em português e o ensaio em inglês, ambos de 1954, ano da comemoração do quarto centenário de São Paulo, são versões finais de vários textos mais curtos e compartimentados que o autor vinha publicando desde 1947. Ver: MORSE, Richard. São Paulo. The Early Years. M. A. Thesis (ms). Columbia University, 1947; The Literary Life in Brazil: a Letter from São Paulo. *The New York Times Book Review*, May, 1948; Brazilian Modernism. *Hudson Review*, v. 3, n. 3, Autumn 1950, p. 447-452; São Paulo in the Nineteenth Century: Economic Roots of the Metropolis. *Inter-American Economic Affairs*, V, 3, 1951, p. 24-37; A cidade de São Paulo no período 1855-1870. *Sociologia*, XIII, n. 3-4, 1951, p. 230-251, p. 341-362; A cidade de São Paulo no período 1870 a 1890. *Sociologia*, XIV, n. 1-2, 1952, p. 17-42, p. 146-165; São Paulo under the Empire (1822-1889). PHD dissertation (microfilm), Columbia University, 1952; The Negro in Sao Paulo. *Journal of Negro History*, 38, 3, 1953, p. 290-306. Estou preparando um artigo comparando esse ensaio com outros de Morse e Freyre. Então, em 1954, saíram: MORSE, Richard. São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation, *HAHR*, 34, 1954, p. 419-44; *De comunidade a metrópole*: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais, 1954.

⁶² Em 1922, Freyre publicou nos EUA: FREYRE, Gilberto. Social life in Brazil in the middle of the 19th century. *The Hispanic American Historical Review*, v. 5, n. 4, nov. 1922), p. 597-630. Era parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre na Universidade de Columbia, NYC, EUA. Dentre as obras de Freyre listadas na bibliografia de Morse encontram-se: FREYRE, Gilberto. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943; O período republicano. *Boletim Bibliográfico*, I, n. 2, jan./mar. 1944, p. 61-72; *The Master and the Slaves*. New York: Alfred A. Knopf, Inc, 1946; *Inglêses no Brasil*, *Op. cit.*; *Sobrados e mucambos*. 2. ed., 3 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, e El IV centenario de São Paulo. *Cuardenos del congreso por la libertad de la cultura*, 4, jan./feb., p. 78-82.

⁶³ Foi traduzido para o português como “Vida social no Brasil em meados do século XIX” pelo médico pernambucano Waldemar Valente, com prefácio do próprio autor, em 1964, 40 anos após sua redação original. FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.

vilegiada está lá. O próprio Morse citou Freyre em seu ensaio como um dos críticos dos rumos da modernização da capital bandeirante.

Em 1972, Morse publicou “A Prolegomenon to Latin American Urban History”, que considero um divisor de águas em sua carreira. Coincidentemente, completavam 50 anos então o Americano intranquilo e a Semana de 1922, que ele tanto admirava. Mas não se referiu ao Modernismo nesse texto.⁶⁴ Nessa ocasião Gilberto Freyre publicou, no *Estado de São Paulo*, um artigo, de duas páginas inteiras “Agitação beneficiou as letras e as artes”. Defendia a importância do Movimento Tradicionalista Modernista do Recife como sendo a contemporânea nordestina da “Revolução Paulista-Carioca”⁶⁵. Nos “Prolegômenos”, Morse fez um balanço de seus textos anteriores sobre cidades sob um ângulo similar: é saudável para historiadores e antropólogos que as concepções de centro e periferia sejam flexibilizadas e, quiçá invertidas em alguns casos, de forma que o centro teria muito a aprender, a se enriquecer, com a periferia em termos culturais.

O texto de Gilberto Freyre no *Estado de São Paulo*, de 1972, me parece um exemplo do iberismo, que pode ser comparado com o ensaio de Morse sobre São Paulo, de 1954, e com o Prolegômenos, de 1972, com as devidas ressalvas. Em 1954, Morse refere-se ao Rio como centro e a São Paulo como periferia. Em 1972, o panorama é mais amplo: compara a periférica América ibérica à anglo-saxônica à Europa. Freyre, que já havia feito ponderações mais generalizantes, neste texto trata o eixo São Paulo-Rio como centro e Recife como periferia. O que aproxima os dois autores é a determinação de mostrar como a periferia complementa e pode ser por vezes vanguarda cultural em relação ao centro. Tratar-se-ia de uma afinidade metodológica, que não implica de forma alguma que Morse tenha abraçado a causa do Modernismo capibaribe do Recife⁶⁶.

Neste texto de 1972, Freyre sugeriu que falássemos em modernismos brasileiros, diferenciando o do Recife e os de outras partes do Brasil daquele do Rio e de São Paulo⁶⁷. Fosse ou não para defender o seu “Modernismo Regionalista Tradicionalista”, o que me interessa realçar é o ato epistemológico de colocar o termo Modernismo no plural, pois aqui pode residir um gancho entre sua concepção de história e de cultura e a de Morse, em especial no que concerne à relativização da noção de “periferia” ibérica (ou pernambucana, no caso de Freyre), que nenhum dos dois percebia como um paciente doente necessitando de um remédio do centro, mas como uma

⁶⁴ MORSE, Richard. A Prolegomenon to Latin American Urban History, Op. cit.

⁶⁵ FREYRE, Gilberto. Agitação beneficiou as letras e as artes. *Estado de São Paulo*. Suplemento literário (20/02/1972). Que eu saiba foi publicado um artigo crítico de Freyre. INOJOSA, Joaquim. O movimento imaginário do Recife. *Estado de São Paulo*. Suplemento literário (25/06/1972).

⁶⁶ Um exemplo de procedimento semelhante, apesar de enormes diferenças, é o livro de José Eisenberg analisando a influência das primeiras cartas escritas por jesuítas no Brasil na Ibéria e então na Europa ao invés do convencional ponto de partida eurocêntrico. EISENBERG, José. *As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. Agitação beneficiou as letras e as artes, Op. cit.

“pessoa” capaz de tomar suas próprias decisões. O fascínio de Morse e Freyre pela psicologia e por sua aplicação à história, à cultura e à sociedade era outro ponto importante de convergência entre eles⁶⁸. Voltarei a ele no item seguinte.

Um dos pressupostos centrais de Morse em *O espelho de Próspero*, de 1988, e em vários outros ensaios das décadas de 1980 e 1990, é que a relação centro-periferia deve ser entendida em uma perspectiva dialógica ao invés de hierárquica. Ela pode envolver uma diferença geopolítica (Europa Ocidental e Estados Unidos *versus* o restante do mundo, EUA *versus* América Latina), ou situações periféricas internas, seja no centro ou na periferia. A tese de Freyre sobre a singularidade do Modernismo recifense em relação a outros modernismos brasileiros, particularmente o do eixo Rio-São Paulo, pode ser entendida como um exemplo da aplicação dos conceitos de centro e periferia no interior de um país periférico, que já vinham repercutindo nas formulações de Morse desde a mocidade. Existem trechos lapidares no *Espelho* que podem atestar nesse sentido. Por exemplo: e se a América Latina for imodernizável, ao invés de ainda não modernizada pelo Ocidente?

Nem de longe sugiro que no *Espelho* Morse demonstrasse ter tido conhecimento do artigo de Freyre ou do debate que desencadeou. Mas tampouco descarto que pudesse ter tido acesso a eles, uma vez que a temática do Modernismo brasileiro e latino-americano exercia forte atração sobre ele⁶⁹. O que me intriga é a ausência de referências ao iberismo de Freyre por Morse ou por seus oponentes na famosa polêmica que sucedeu a publicação de *O espelho de Próspero* no Brasil, em 1988, na medida em que um argumento levantado naquela ocasião foi precisamente o pertencimento de Morse à chamada corrente iberista, que se opunha à americanista⁷⁰.

Os iberistas seriam aqueles que interpretavam a transposição da cultura política portuguesa e da espanhola para a América como algo positivo, que criou no subcontinente uma sociedade plástica e tolerante. Os americanistas seriam aqueles que viam na transposição e manutenção da herança ibérica a explicação para o nosso fracasso se comparado às sociedades europeias e à norte-americana. Isso se expressava no atraso econômico, na escravidão e no coronelismo, dentre outros “males” que assolaram as sociedades ibero-americanas, com destaque para o Brasil. Se aceita tal classificação, Morse certamente pertenceu ao primeiro grupo. Porém, muito antes dele, Gilberto Freyre talvez tenha sido o inaugurador da referida corrente iberista, ou otimista no que se refere à nossa história e cultura com *Casa Grande & Senzala* em 1933⁷¹.

⁶⁸ Morse chega a referir-se a Freyre como um Freud *manqué*, ou seja, original, em *Brazilianists, God Bless Them! What in the World is to be Done?* *Op. cit.*, p. 9.

⁶⁹ FREYRE, Gilberto. Agitação beneficiou as letras e as artes, *Op. cit.*.

⁷⁰ VIANNA, Luis Werneck. Americanistas e Iberistas, *Op. cit.*, p. 147

⁷¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. Ed. São Paulo: Global, 2006.

A tese que venho tentando demonstrar é que, com seu olhar meio brasileiro meio estrangeiro sobre o Brasil, e suas considerações sobre Recife como uma “arena cultural periférica” em relação ao sudeste, Freyre de certa forma antecipou uma forma de pensar que repercutiu em Morse, guardadas as diferenças de tempo, espaço e formação.⁷² Freyre e Morse são, sim, expressões do iberismo, embora cada um com suas próprias idiossincrasias.⁷³ Ambos foram criticados por serem ensaístas carentes de fundamentos científicos, o que era muitas vezes atribuído, em maior ou menor medida, ao fascínio por uma tradição ibérica obsoleta, decadente e autoritária. Ou talvez precisamente devido a essa opção.

Nil da Costa e Silva sugere que Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, teria feito um elogio a Caliban, ou seja, aos aspectos considerados primitivos e degradantes da formação do Brasil. Isso seria de certa forma surpreendente, pois muitos aspectos da formação intelectual de Gilberto Freyre não mostram sinais de uma vocação para um revolucionário, ou um amigo de Caliban, mas o oposto. Do seu "O retrato do artista quando jovem" saltaria à vista um Ariel ou Próspero. Como demonstrado por sua biógrafa, Maria Lucia Burke, sua carreira até *Casa Grande & Senzala* passou por muitos desvios e hesitações. Mesmo em seus dias de estudante em Columbia, no início dos anos 20, o jovem Gilberto mostrou certa simpatia com o racismo científico, como deixam entrever suas cartas ao diplomata brasileiro Oliveira Lima. Seu projeto inicial, depois de voltar para o Brasil, não era escrever um livro sobre as relações raciais, mas a história da infância no Brasil⁷⁴. Morse também queria escrever uma biografia de São Paulo, não uma tese acadêmica.

No entanto, o jovem dândi escreveu uma obra revolucionária. E fê-lo, segundo Nil, porque ele era, acima de tudo, um ambíguo: simpatizava com o racismo científico, mas escreveu o mais importante panegírico da civilização brasileira; teve uma experiência acadêmica cosmopolita, mas defendeu a paróquia e o local, sua cidade natal, Recife, o Nordeste. O mesmo intelectual que tinha "olhos ingleses" foi profundamente ligado a seu estado, Pernambuco. O mesmo jovem que andava pelo campus da Universidade de Oxford com seus colegas, agora se deliciava com a descrição sensual das mulatas.

Já o WASP (White Anglo-Saxon Protestant) norte-americano Morse, se identificou abertamente com Caliban, que para ele era o Outro, rejeitou seu padrasto Próspero – tido por seus conterrâneos e pelos latino-americanos como o padrão a ser

⁷² A expressão “arena cultural periférica” é de Morse. MORSE, Richard. “Peripheral” Cities as Cultural Arenas (Russia, Austria, Latin America). *Journal of Urban History*, 10, 4, 1984, 423-450, p. 431.

⁷³ Conforme visto no item anterior, em um ensaio 50 anos antes, de 1922, Freyre havia feito uma interpretação da história do Brasil no século XIX que repercutiu, conscientemente ou não, na tese de Morse sobre São Paulo.

⁷⁴ SILVA, Nil Castro da. Gilberto Freyre, un pensador de latinoamérica. *Anais do Seminário Grandes Intérpretes do Pensamento Brasileiro e Mexicano*. El Colegio de México, Cidade do México, 15 out. 2011.

seguido –, e criticou a identificação da América Latina com Ariel, tal qual proposta por Rodó e pelos arielistas⁷⁵. Diferentemente de Freyre, sua experiência internacional não o conduziu a olhar para seu país e cultura de forma otimista. Pelo contrário, acirrou suas críticas e até mesmo repulsa pelo American Way of Life⁷⁶. Porém, no que se refere a sua devoração de autores brasileiros (inclusive Freyre) e latino-americanos, não a percebo como superficial ou como uma distração para um gringo erudito e enfadado com seu país. Diria que com seu weberianismo em diálogo com autores brasileiros produziu uma visão singular de aspectos da história colonial e do século XIX dos Estados Unidos que desafiam a interpretação dominante na academia: sua assimilação do significado da obra de Alex de Tocqueville é uma delas. Ele vale-se do francês para criticar o mesmo providencialismo que muitos tentavam justificar precisamente através dele⁷⁷.

Morse e os estudos sobre cidades e identidades nas décadas de 1980 e 1990: defesa de Gilberto Freyre

Em um congresso de latino-americanistas na Universidade de Stanford, em 1983, Morse apresentou uma comunicação intitulada “Brazilianists, God Bless Them! What in the World is to be done?”, no qual criticava profundamente seus colegas brasilianistas por, dentre outras limitações, não se valerem de interpretações de escritores brasileiros. Ele certamente seguiu a própria receita, como venho tentando mostrar. Dentre nossos intérpretes, se referiu aos clássicos da década de 1930: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Sua enfática e aberta defesa de Freyre desde então me parece reveladora da mudança do clima intelectual no Brasil em relação à obra freyreana. Morse considera *Casa Grande & Senzala* o primeiro torpedo dessa geração ao oferecer um tratamento heterodoxo de assuntos sexuais e da decisiva importância da herança africana na modelagem do modo de ser brasileiro. Mas se “nos idos de 1950, Gilberto estava na mira dos sociólogos paulistas por elitismo e saudosismo, e por sua incapacidade de mostrar a dinâmica do processo social”, nos anos 1980 o cenário era bem diferente: os cientistas sociais brasileiros estavam revisitando e revalorizando Freyre. Morse esperava que seus colegas brasilianistas seguissem esse movimento⁷⁸. Lamenta a

⁷⁵ MORSE, Richard. *O espelho de Próspero*, *Op. cit.* Apesar de explícita crítica de Morse ao arielismo, seu ensaio foi considerado, por José Guilherme Merquior, como pertencente a essa mesma tradição. Uma incompreensão do livro, a meu ver. MERQUIOR, José Guilherme. O outro Ocidente. *Presença. Revista de Cultura e Política*, n. 18, 1990.

⁷⁶ Aí residiu o foco das críticas a Morse no Brasil por José Guilherme Merquior e Simon Schwartzman.

⁷⁷ Sobre isso ver: DOMINGUES, Beatriz H. Estrangeiros e visionários: Morse, Tocqueville e os Estados Unidos. *Interseções*, UERJ, v. 2, p. 30-62, 2013.

⁷⁸ “By the 1950s Gilberto of course was under attack from Paulista sociologists for elitism and *saudosismo* and for his failure to show a dynamic for social process”. MORSE, Richard. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 5. Coincidentemente, ou não, Morse receberia uma acusação semelhante com a publicação do *Espelho de Próspero* no Brasil, em 1988.

“miniexplosão” de estudos sobre o Brasil nos anos 1960, quando fundações e o governo invadiram as universidades para burocratizar a vida acadêmica, reduzindo tais estudos a necessidades nacionais e recrutando acadêmicos de áreas como estudos europeus, que não tinham qualquer vocação, com generosas bolsas e elevados salários. Sintomático desse momento foi a segregação dos estudos brasileiros em relação aos estudos ibéricos, um evento inspirado, parece-lhe, “na descoberta de Lewis Hanke de que os brasileiros falam um espanhol tímido, covarde, ruim (Pidgeon Spanish)”⁷⁹. Por um breve momento, alguns brasilianistas, dentre os quais se inclui, influenciados por Hanke, Francis Rogers e Pedro Calmon, teriam se sentido chamados (desafiados) a penetrar este admirável mundo novo do antigo império português, com seus tentáculos na América do Sul, África e Ásia. Mas parece que “só mesmo Charles Boxer teve coragem, ou estômago, para digerir a feijoada” proposta por eles. Talvez porque, nessa ocasião, “os experimentos irrepreensíveis de Gilberto Freyre em Luso-Tropicalismo já denunciavam o lado sombrio da aventura ideológica” na qual embarcavam os brasilianistas⁸⁰.

Na opinião de Morse, Freyre dialogava de maneira muito peculiar com os clássicos da tradição ocidental, pois não teria feito uma leitura extensiva e penetrante de Freud, por exemplo, nem de qualquer outro pensador. Apesar disso, Freyre parecia-lhe “um freudiano que prescindia de Freud”, era um freudiano em sua busca por arquétipos que governavam os homens e as instituições: em seu fascínio por etnicidade, sexo, autoridade, transferência e sublimação, bem como em sua visão entrópica do processo histórico.⁸¹ Freyre seria um “freudiano *manqué*” e, portanto, original, pois:

Enquanto Freud era inspirado por obsessões provadas e relatos clínicos, Freyre provia ele mesmo o que escrevia. E assim como Freud valorizou a sexualidade, com todas as suas ambivalências, Gilberto trabalhou, com resultados similarmente inequívocos, para legitimar a cultura ibérica⁸².

Acho difícil imaginar um elogio mais eloquente vindo de Morse, cujo desejo, como leitor de Freud, era fazer o que atribuía a Freyre, ou seja, canalizar suas ener-

⁷⁹ MORSE, Richard. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 3.

⁸⁰ “Charles R. Boxer alone had the intestinal fortitude, or intestinal tract, to digest such a *feijoada* and, moreover, that Gilberto Freyre's irrepressible experiments in Luso-tropicology were casting an ideological pall over the adventure”. MORSE, Richard. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 3.

⁸¹ “Although Gilberto – so far as is evident – never gave Freud (or anyone else) an extensive, penetrating reading, he was a kind of Freudian by private invention in his search for archetypes that govern behavior and institutions; his fascination with ethnicity, sex, authority, transference, and sublimation; and his entropic view of historical process”. MORSE, R. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 5

⁸² “Granted, Gilberto was a Freudian *manqué*, for while Freud's private obsessions inspired and informed his clinical reporting, Gilberto's uncensoredly suffuse what he writes. Yet just as Freud contributed mightily to legitimize sexuality, with all the ambivalent results thereof, so Gilberto has labored, with similarly equivocal effects, to legitimize Iberian culture”. MORSE, Richard. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 5

gias para legitimar a cultura ibérica. Mas o adjetivo *manqué* não se restringiu a Freyre: também Sérgio Buarque e Caio Prado foram citados, respectivamente, como um “weberiano *manqué*” e como um “marxista *manqué*”, denotando uma atitude criativa.

Gilberto Freyre voltou a ser elogiado em um ensaio de 1992 – sintomaticamente intitulado “Cidades como pessoas” (Cities as People) –, que entrecruza harmonicamente psicologia, sociologia e literatura. A tese de Morse era de que, após 1920, os intelectuais latino-americanos quebraram o molde positivista de seus antecessores para conceber formas mais particulares e imaginativas de ver o fenômeno urbano. Em *Sobrados & Mucambos* (1936), Gilberto Freyre examinou a reconstituição da vida rural e patriarcal dentro do domínio urbano do século XIX. Ao fazer isso, rompeu com a centenária denúncia da herança ibérica para estabelecer uma posição relativista, que rendeu explicações mais ricas para a lógica das instituições urbanas. Demonstrou especial sensibilidade ao assinalar correspondências entre a estrutura física da cidade brasileira – sua arquitetura particular e seus espaços públicos – e sua organização social em mudança. Uma correlação similar perpassou os textos de Morse sobre as cidades latino-americanas escritos nas décadas de 1960 e 1970.

Para Freyre, o coração da sociedade urbana era o “patriarcado urbano”, cuja decadência narrou com riqueza de detalhes e com nostálgica condescendência. Sua referência era à “cidadeficação” (social, cultural, de atitude) e não à urbanização (sociológica, política, econômica). A cidade era um veículo e não um motor para a mudança, enquanto os seres humanos eram atores, não agentes.

Em 1967 Morse havia criticado Friedman por associar, dicotomicamente, cidade como transmissora de inovação e como geradora de inovação. Dentre os exemplos que desmentiriam essa tese estariam São Paulo, Bahia e México. Em seu entender, não é possível afirmar que a inovação seja um fenômeno mais urbano do que rural. Veja-se, por exemplo, as inovações rurais que caracterizaram a crise do Império romano, ou o Brasil entre os séculos XVI e XIX. Em suas palavras, “as zonas rurais eram um teatro muito mais importante para a inovação (cultural, linguística, sociológica, tecnológica) do que os centros urbanos”⁸³. Mas aplicava-se também aos Estados Unidos, onde o dinamismo urbano não derivou tanto das cidades quanto das vilas que mantinham uma fé puritana mais simples e mais rígida⁸⁴.

Em suma, Morse, como Freyre, não via a história das cidades, ou da relação cidade e campo como uma via de mão única, na qual uma representava o progresso e a outra o atraso. Ele claramente se identifica com o brasileiro quando pondera que se Freyre falhou em transmitir uma sensação de dialética implacável da história na era capitalista, sua paciência com as minúcias da experiência humana tornou a sociedade urbana visível, dando ao intelecto um suporte renovado após o interregno positivista.

⁸³ MORSE, Richard. Planning, History, Politics: Reflections on John Friedmann’s “The Role of Cities” in National Development. *Ciências econômicas e sociais*. São Paulo, jan./jul. 1970, números I e II, 103-115, p. 110.

⁸⁴ *Idem*, p. 111.

De forma muito pessoal, ele teria domesticado a cidade ocidental através de sua análise dos processos do mundo ibérico. Nisso, como já posto em 1983, ele destoava dos brasilianistas e sintonizava com Sérgio Buarque de Holanda.

A construção entrópica da história de Gilberto não se encaixava em uma agenda de pesquisa respaldada, enquanto Sérgio, com sua dialética entre evolução global e restauração cultural, estava em desvantagem por dizer duas coisas ao mesmo tempo. Os brasilianistas norte-americanos, como os presidentes da era pós-Kennedy, achavam difícil andar e mascar chicletes ao mesmo tempo⁸⁵. Morse queria seguir Sérgio e Gilberto desde sua juventude, quando se propôs a escrever uma biografia de São Paulo. Confessava-se atraído por imaginar

que as comunidades do mundo retinham trajetórias que não se desfaziam no vasto caldeirão de pressões e forças levadas à ebulição pelas fogueiras de Marx, Buckle, Spencer e Lukács, e então liquefeitas pelas chamas de Wallerstein e dos dependentistas⁸⁶.

Em seu entender, vários poetas, romancistas e mesmo alguns acadêmicos brasileiros – críticos literários, antropólogos estudando religião popular e associações, cientistas sociais marxistas ou liberais – oferecem abundantes ferramentas? para compreender seu país como um “terceiro rio” no sentido aferido por João Guimarães Rosa, ao invés de simplesmente inepto à racionalidade ocidental.

Em “Cities as People”, de 1992, a assimilação *manqué* de Freud na América ibérica volta à baila. O argentino Ezequiel Martínez Estrada, em *X-Ray of the Pampa* (1933) e *La cabeza de Goliath* (1940), também se baseara, como Freyre, na psicanálise para elaborar sua análise de Buenos Aires. Mas, para ele, isso significava recuar da história do mundo exterior para ampliar imagens e obsessões da psique privada. Só que, ao invés de projetar suas próprias obsessões sobre a nação à maneira autoindulgente de Freyre, Martínez Estrada se propôs a analisar a mente da coletividade. Descreveu uma metrópole cujos habitantes viviam na periferia da Europa: onde olhar para o “interior” era, para eles, olhar para o estrangeiro.

O que Morse quer enfatizar é que, para Freyre ou para Martínez Estrada, conectar-se com a cidade moderna significava aceitar sua história ao invés de propor uma agenda de “reformas” práticas. Essa história parecia a Freyre relativamente benigna e capaz de oferecer diretrizes culturais para a adaptação da vida e das institui-

⁸⁵ “Gilberto's entropic construction of history was not serviceable for so muscular a research agenda, while Sérgio, with his dialectic between global evolution and cultural recovery, was disadvantaged by having said two things at once. North American Brazilianists, like their national presidents of the post-JFK period, found it difficult to walk and chew gum at the same time”. MORSE, Richard. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 7.

⁸⁶ “I confess it attractive to imagine that the world's communities retain trajectories that have not been effaced in a vast caldron of pressures and forces brought to boil by the bonfires of Marx, Buckle, Spencer, and Lukács and then to simmer by the feebler flames of Wallerstein and the *dependentistas*”. MORSE, Richard. *Brazilianists*, *Op. cit.*, p. 7.

ções urbanas ao mundo contemporâneo. Essas sugestões se tornaram explícitas em seus estudos sobre a “luso-tropicologia”. Para Martínez Estrada, a história da Argentina era opressiva porque havia sido suprimida.⁸⁷ Daí sua cidade moderna carecer de estrutura, forma ou força espiritual de união. Somente trazendo à consciência os fantasmas do passado, insistia, poder-se-ia exorcizá-los para que os argentinos pudessem viver juntos saudavelmente. Estrada imergiu o leitor em um cenário onde tanto o passado colonial quanto o presente faziam parte de um mundo pré-histórico – enfeitado de fantasias e resistindo a processos ordeiros de evolução. Buenos Aires era “a ilusão onírica da Argentina, era uma cabeça de Golias cortada; não a capital de uma nação, mas apenas de si mesma, uma criatura teratológica condenada a viver só e não para a espécie”⁸⁸.

Martínez Estrada teria descrito uma metrópole cujos habitantes viviam na periferia da Europa; olhar para o “interior” era, para eles, olhar para o estrangeiro. Imergiu o leitor em um cenário onde não só o passado colonial ainda estava presente, mas em um mundo pré-histórico – enfeitado de fantasias e resistindo a processos ordeiros de evolução – que embasou a nação gratuitamente imposta. Aqui os assentamentos humanos foram contumazes; renunciaram à civilização e voltaram à pura existência animal. Buenos Aires, a ilusão onírica da Argentina, era uma cabeça de Golias cortada; não a capital de uma nação, mas apenas de si mesma, uma criatura teratológica condenada a viver só e não para sua espécie.

Em 1995, Morse retoma a comparação entre Freyre e autores argentinos, então incluindo o contemporâneo de Martínez Estrada, seu muito estimado Jorge Luís Borges.⁸⁹ Segundo Morse, Gilberto Freyre nasceu em 1900 e morreu em 1987; foi quase um contemporâneo exato de Jorge Luís Borges, que nasceu um ano antes e também morreu um ano antes. Tal como o escritor argentino, Gilberto Freyre teve vasta experiência internacional, o que contribuiu muito para sua percepção do Brasil; tal como o portenho, o pernambucano era anglófilo e profundamente influenciado pela literatura inglesa⁹⁰. Também como Borges, Freyre manteve certo silêncio sobre o regime militar em seu país, o que o converteu em alvo de virulentas críticas.

No Multiverso, Morse assinala a coincidência da publicação da obra mais conhecida de Gilberto, *Casa Grande & Senzala*, em 1933, com *Radiografía de la Pampa*, de Martínez Estrada; pouco depois, em 1950, Octavio Paz publicou *O labirinto da solidão*. As três obras compartilhariam o interesse pela busca da identidade nacional⁹¹. Não obstante, há um forte contraste entre *Casa Grande & Senzala* e as obras de Ezequiel

⁸⁷ MORSE, Richard. *Cities as people*, *Op. cit.*, p. 14-15.

⁸⁸ MORSE, Richard. *Cities as people*, *Op. cit.*, p. 14. “The oneiric delusion of Argentina, was a severed Goliath’s head, capital not of a nation but only of itself, a teratological creature condemned to live alone and not for the species”.

⁸⁹ MORSE, Richard M. *O multiverso na busca pela identidade*, *Op. cit.*; *Cities as people*, *Op. cit.*

⁹⁰ A obra de Freyre, *Ingleses no Brasil*, de 1949, foi resenhada por Morse no mesmo ano.

⁹¹ Esse era o tema que interessava a Morse em MORSE, Richard. *O multiverso na busca pela identidade*, *Op. cit.*

Martínez e de Octavio Paz. Tanto *Radiografía de la Pampa* como *El labirinto da solidão* são livros marcadamente pessimistas e sombrios, que estariam mais próximos de outro clássico brasileiro, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, com seu enfoque na melancolia e na inércia/apatia do brasileiro. Diferentemente destas obras, *Casa Grande & Senzala* é um livro de estilo luminoso, de sociologia alegre, que revela um otimismo contagiante quanto ao povo brasileiro⁹². Como bem pontuado pelo historiador brasileiro Evaldo Cabral de Mello, em Freyre a mestiçagem passou de hipoteca a benefício. Um verdadeiro ovo de Colombo⁹³.

Morse embarcou na viagem tentando, durante toda sua carreira, oferecer ao público norte-americano e ao brasileiro um retrato otimista, que nem por isso deixava de ser crítico, da cultura ibérica e suas repercussões no Novo Mundo⁹⁴. Isso é especialmente interessante se contrastarmos com sua visão crítica pessimista sobre os EUA, em grande medida assimilada da Escola de Frankfurt na terceira parte de *O espelho de Próspero*⁹⁵. Porém, mesmo no caso dos Estados Unidos, Morse garimpava exemplos para demonstrar que nem lá, nem na Europa, seria apropriadas interpretações evolucionistas (ou darwinistas) do processo histórico.

Conclusão

O brasileiro Gilberto Freyre concluiu seu mestrado na Universidade de Columbia, New York, em 1922, ano da Semana de Arte Moderna de São Paulo e do nascimento de Richard Morse. Teria Morse lido sua referida dissertação? Conforme visto, o estudo não é citado por Morse. O fato de os dois terem frequentado a mesma instituição pode ser simples coincidência, ou não, como diria Caetano Veloso. Também pode ser coincidência serem dotados de personalidades ecléticas, conciliadoras e sedutoras⁹⁶. Já outros cruzamentos entre as trajetórias de ambos parecem menos subjetivos. Morse chegou a São Paulo pouco mais de dez anos após a publicação de *Casa*

⁹² Conforme bem lembrado por Nil Costa da Silva, quando *Casa Grande & Senzala* foi publicado, em 1933, Alfonso Reyes era o Embaixador do México no Brasil. Segundo Maria Lucia e Peter Burke, Reyes mostrou, na época, um grande interesse em promover *Casa grande y senzala* em Nova York e no México. BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre, Op. cit.* Ver também: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia: *Um Vitoriano dos Trópicos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

⁹³ BERTOL, Rachel. Peripécias de Evaldo Cabral de Mello. Caderno Prosa & verso. *O Globo*. 20/09/2003. *Apud* SILVA, Nil Costa da. *Op. cit.*

⁹⁴ Nesse mesmo ensaio – O multiverso na busca pela identidade na América Latina –, Morse compara o esforço de Freyre de valorização das culturas negra e indígena no Brasil, e especialmente de mestiçagem, ao do haitiano Jean Price-Mars, em *Ainsi parla l'oncle* (1928). O Haiti tinha, para Morse, conotações pessoais e emocionais importantes: ele foi casado com uma haitiana, com quem teve dois filhos. O autor também trata do Haiti no mencionado: Planning, History, Politics, *Op. cit.*

⁹⁵ Desenvolvo este argumento em: Estrangeiros e visionários: Morse, Tocqueville e os Estados Unidos, 2013.

⁹⁶ A personalidade conciliadora, ou melhor, sedutora de Freyre, dá título ao extenso estudo de Edson Néri da Fonseca sobre sua vida e obra: FONSECA, Edson Neri. *O grande sedutor: escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio de Janeiro: Cassaral, 2011.

Grande & Senzala e de *Raízes do Brasil*, quando Gilberto Freyre já era, de certa forma, conhecido na academia norte-americana devido à tradução de sua obra para o inglês. Mas registrou apenas um encontro com o sociólogo pernambucano, na Editora José Olympio, no Rio de Janeiro⁹⁷.

O que ressaltou, de suas primeiras lembranças do Brasil, foi o fato de ter se tornado, imediatamente, grande amigo e admirador de Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e de Florestan Fernandes. E que essas amizades duraram por toda a vida dos referidos autores e dele mesmo. Isso não impede, contudo, que busquemos outras influências brasileiras em seu pensamento. Conforme tentei mostrar, Morse não foi muito explícito em sua admiração por Freyre até os anos 1980, embora o pernambucano já fosse importante presença em sua interpretação cultural da história de São Paulo, de 1954, que tem bastante em comum com *Sobrados & Mucambos* e, mesmo sem referências explícitas são muitas as sintonias com as posições de Freyre e a produção morsiana sobre cidades nas décadas de 1960 e de 1970. A partir da década de 1980, a presença de Freyre é explícita no *paper* sobre os brasilianistas (1983), em “Cidades como Pessoas” (1992) e no “Multiverso” (1995). No texto dirigido aos brasilianistas, Gilberto foi incluído entre os grandes intérpretes do Brasil que, como Sérgio Buarque de Holanda, viu na psicologia uma aliada da história, da sociologia, da etnografia, da geografia, etc. Nem de longe sugiro que Morse tenha feito uma grande descoberta nesse sentido para nós brasileiros. Mas ele estava executando uma importante tarefa de apresentar a seus colegas brasilianistas autores bem conhecidos entre nós que haviam aberto trilhas para ele, e que poderiam iluminar suas áridas e limitadas análises do país.

O crítico literário Antonio Candido, talvez o melhor amigo brasileiro de Morse, referiu-se recentemente a Gilberto Freyre como o maior intelectual de sua própria geração⁹⁸. E complementou que sua admiração por Morse devia-se a motivações semelhantes: a flexibilidade e originalidade para lidar com fontes variadas e perspectivas teóricas supostamente inconciliáveis. Talvez certas polarizações do cenário intelectual de meados do século XX tenham colocado Candido e Freyre na condição de representantes de grupos opostos. Porém, o olhar do fim do século XX e do século XXI é outro. E Morse, dotado de uma personalidade paradoxalmente conciliadora e polêmica, provavelmente evitou, por algumas décadas colocar o dedo na ferida chamada “Gilberto Freyre”. Minha hipótese, que procurei documentar neste ensaio, foi que a redescoberta de Freyre pelos próprios brasileiros provavelmente influenciou em sua decisão de explicitar sua própria interpretação do mesmo.

Isso talvez nos ajude a compreender o porquê de sua referência explícita a Freyre no referido texto de 1983, mas não no *Espelho*, que havia sido finalizado em 1980. Ou talvez a ausência de Freyre nesse último não deva ser superestimada: pode quem sabe ser atribuída simplesmente ao fato de não ter julgado necessário, como

⁹⁷ BOMENY, Helena. Uma entrevista com Richard Morse, *Op. cit.*

⁹⁸ Entrevista com Antonio Candido, *Op. cit.*

não o fez com Sérgio Buarque ou Oswald de Andrade, que certamente estavam presentes, mas não mencionados lá⁹⁹. O livro foi dedicado a Antonio Candido e a Florestan Fernandes, com os quais Morse tinha laços de amizade. O que não exclui a proximidade intelectual que marcou as relações com os outros três.

Espero ter conseguido mostrar que, embora Morse tenha mudado sua referência a Freyre a partir da década de 1980, o mestre de Apicucos já estava presente desde suas formulações da juventude, de forma consciente ou não¹⁰⁰. É possível que Morse, com seu olhar estrangeiro, não considerasse um grande problema que seus amigos paulistas ainda não estivessem prontos para a devoração de um nordestino tão polêmico. Conforme visto, o contraste feito por Freyre entre o Nordeste e o Sudeste brasileiro apresentaria similaridades com o contraponto feito por Morse entre Anglo-América e Ibero-América, ou entre centro e periferia. Posta desta forma, a presença marcante de Gilberto Freyre na obra de Morse não disputa com a de Sérgio Buarque de Holanda, de Oswald de Andrade ou de Antonio Candido. Apenas acrescenta um ingrediente a mais na devoração morsiana da cultura brasileira.

Artigo recebido em 13 de abril de 2014.

Aprovado em 10 de julho de 2014.

⁹⁹ Vide artigos em DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter. (Orgs.). *O Código Morse*, *Op. cit.*

¹⁰⁰ É interessante notar a ausência de referências a Freyre, que contrata com as frequentes a Sérgio Buarque de Holanda na correspondência trocada com Antonio Candido, à qual tive acesso na Oliveira Lima Library. As cartas de Morse a Candido datam de 1948 a 1992. É importante realçar que a correspondência à qual tive acesso, de cartas escritas por Morse a Candido, tem um grande gap nos anos 1980, exatamente quando este debate veio à tona.